

O negro no Brasil sempre esteve em constante luta contra a exploração de sua mão de obra escrava, as desigualdades e os preconceitos, como também em luta para o reconhecimento de sua cultura, seus costumes, sua importância e forte influência na formação do povo e da cultura brasileira. Seja, na dança, na culinária, na religiosidade, na língua, na música e em outros tantos aspectos, o negro sempre foi um agente contribuinte desse processo.

**Dinamara Garcia Feldens
Lucas de Oliveira Carvalho
Luana Garcia Feldens Fusaro**

Nação crioula: uma possibilidade de suporte didático no ensino de história afro-brasileira e africana

Crioula nation: a possibility of didactic support in afro-brazilian and african history teaching

DINAMARA GARCIA FELDENS*
LUCAS DE OLIVEIRA CARVALHO**
LUANA GARCIA FELDENS FUSARO***

Resumo

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise do conteúdo histórico presente no romance “Nação crioula”, escrito pelo jornalista, escritor e editor angolano José Eduardo Agualusa. A partir disso pretendemos mostrar como o uso deste material pode ser uma alternativa viável no dia a dia das salas de aula, assumindo um papel importante de suporte didático no ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, nas turmas de oitavo ano. Pelo fato da confluência com os temas e períodos históricos contidos no romance de Agualusa, pretendemos, assim, apresentar “Nação crioula” como uma possibilidade para suprir as carências de adequação dos conteúdos dos livros didáticos ao que diz a lei 10.639/03, oferecendo novos olhares e perspectivas sobre essa temática e sobre o ensino de história.

Palavras-chaves: Material didático. Lei 10639/03. Nação crioula.

Abstract

This article aims to analyze the historical content present in the novel *Nação Crioula*, written by journalist, writer and publisher Angolan José Eduardo

* Doutora e pesquisadora em educação; Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Email: dfeldens@hotmail.com

** Graduado em História (licenciatura) pela Universidade Tiradentes em 2010, membro do Grupo de Pesquisa: Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS) Universidade Federal de Sergipe (UFS); Email: lucas.historiando@gmail.com

*** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e bacharel em Comunicação Social - jornalismo pela Universidade Tiradentes; Email: luafeldens@gmail.com

Agualusa. From this we intend to show how the use of this material can be a viable alternative in the day-to-day classroom, assuming an important role of didactic support in the teaching of Afro-Brazilian and African history and culture, in the eighth grade classes due to confluence with the themes and historical periods contained in the novel of Agualusa. Thus, we intend to present Crioula Nation as a possibility to supply the deficiencies of adequacy of the textbook contents according to the law 10.639 / 03, offering new perspectives and perspectives on this theme and on the teaching of history.

Keywords: Teaching materials. Law 10639/03. Creole nation.

Introdução

“Nação crioula” é um romance de José Eduardo Agualusa, famoso escritor angolano, que tem como característica em seus textos, trazer à tona questões sobre o negro, sua cultura e sua diversidade, principalmente entre Brasil, Angola e Portugal. No caso de “Nação crioula”, a ideia do livro surge através de uma necessidade de repensar a relação entre Brasil e Angola como também a importância desse processo para as constantes recriações de suas identidades culturais.

O romance foi escrito de forma epistolar, em que Fradique Mendes, Ana Olímpia (protagonistas do romance) e outros personagens trocam mensagens do Brasil, Angola e Portugal, construindo, dentre outras coisas, uma interação entre os três países à medida em que o autor cria uma realidade, por exemplo, através da descrição do cotidiano e das relações sociais recorrentes à época. Uma característica marcante desse romance é a mistura entre a narrativa ficcional e a histórica, como bem afirma Adriana Souza de Oliveira:

A promoção da intertextualidade entre as duas instâncias coincide com o enredo apresentado por Agualusa, pois sua narrativa promove um franco diálogo entre história e literatura e mostra que a interação entre ficção e realidade se torna um rico instrumento no âmbito de expressão cultural e de questionamentos filosóficos (OLIVEIRA, 2015, p. 14).

Portanto, é, a partir dessas características e abordagens trazidas no livro de Agualusa, que o presente artigo tem o objetivo de fazer uma análise do seu conteúdo histórico, mostrando como o romance pode ser utilizado como suporte didático pelos professores em sala de aula com os alunos do oitavo ano. A escolha dessa série foi baseada no período histórico em que o romance se passa, nos assuntos que nele são tratados e que, também, estão presentes nos livros didáticos. Esperamos, desta maneira, que o romance possa ajudar a suprir as carências dos livros didáticos, oferecendo

ao professor novos temas e novas abordagens sobre a história afro-brasileira e africana. Isso além de ajudar na adequação ao que diz a lei 10639/03¹ e fazer valer o esforço do negro durante o curso da história para conseguir alcançar a finitude dos preconceitos e das disparidades sociais.

O negro no Brasil sempre esteve em constante luta contra a exploração de sua mão de obra escrava, as desigualdades e os preconceitos, como também em luta para o reconhecimento de sua cultura, seus costumes, sua importância e forte influência na formação do povo e da cultura brasileira. Seja, na dança, na culinária, na religiosidade, na língua, na música e em outros tantos aspectos, o negro sempre foi um agente contribuinte desse processo. Como afirma categoricamente Darcy Ribeiro em seu livro, “O povo brasileiro”:

Essa parca herança africana, meio cultural, meio racial, associada às crenças indígenas, emprestaria, entretanto, a cultura brasileira, no plano ideológico, uma singular fisionomia cultural. (RIBEIRO, 2015, p. 105)

Foi decorrente desses fatos e da necessidade de reconhecimento e igualdade que o negro travou diversas batalhas que não se encerraram com o advento da abolição da escravatura. Este foi um marco inicial na sua jornada pela busca do seu devido espaço perante à sociedade brasileira, pois era preciso ser muito mais do que livre para ter esse objetivo alcançado. Nessa perspectiva, surgiram várias organizações engajadas na causa do negro, na luta contra o racismo e principalmente no combate a desigualdade social, objetivando, assim, um convívio mais harmonioso entre todas as vertentes étnicas, com mais respeito à diversidade e melhor distribuição de oportunidades.

Dentre esses grupos, podemos destacar a ação do movimento negro, que fez forte pressão para aprovação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino história e cultura afro-brasileira, nas escolas de nível fundamental e médio, não esquecendo também da ação da Frente Negra, na década de 30, que vinha preencher as lacunas deixadas pelo Estado no que diz respeito aos anseios dos negros, oferecendo assistência na saúde, educação, entre outros serviços.

Outro marco importante foi a criação do teatro experimental em 1944 e a publicação do jornal Quilombo feita pelo mesmo teatro. O jornal tinha importância fundamental na luta contra o racismo e na difusão da história e cultura africana, pois trazia, em seus textos, temas relacionados à herança africana sobre a própria ótica dos negros. O I Congresso do Negro Brasileiro, no Rio de Janeiro, entre 26 de agosto e 4 de setembro de 1950, também foi mais um feito do teatro experimental e serviu para afirmar definitivamente seu engajamento com a causa. (MUNANGA; GOMES, 2006)

¹ No ano de 2008, houve a implementação da lei 11.645/08 obrigando o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena. Essa lei altera a lei 9.394/96, também já anteriormente modificada pela lei 10.639/03. Dito isso, gostaríamos de afirmar que o presente artigo por trabalhar dentro da perspectiva do ensino de história e cultura afro-brasileira privilegiará os debates relacionados dentro da lei 10.639/03.

Em meio a essas ações de movimentos relacionados à causa negra, é mister afirmar que uma tônica desse processo é a abordagem da educação como uma ferramenta fundamental para o combate ao racismo e para a inclusão do negro na sociedade brasileira além de contribuir para a recuperação da autoestima e imagem do mesmo. O desenvolvimento de atividades de alfabetização, a luta contra a exclusão do negro ao acesso à escola (períodos pós abolicionistas: 1889-1937/1945-1964) e a luta à favor da formação de medidas afirmativas (a partir de 1978 seguindo até a atualidade) são exemplos de como esses movimentos viam na educação a maior possibilidade de reverter essa carga negativa frente ao negro, como afirma Petrônio Domingues:

Na estratégia de luta do movimento negro, a educação, tanto como sinônimo de instrução (ou seja, de escolaridade), quanto no sentido amplo, incluindo as manifestações de conotação cultural, ocupou papel de destaque. Ela foi vista, ora como um mecanismo capaz de equiparar os negros aos brancos, conferindo-lhes, oportunidades iguais no mercado de trabalho, ora como uma condição básica para a integração e consequente mobilidade social (DOMINGUES, 2007, p. 35).

Dentro dessa perspectiva, a lei 10.639/03 foi importante na medida em que obrigou o ensino de cultura e história afro-brasileira nas escolas, acreditando ser essa uma das vias para desconstrução de certos mitos, para a quebra de paradigmas e preconceitos. Nesse sentido, a relevância em estudar as temáticas africanas e afro-brasileiras nas escolas segundo a lei não deve se restringir ao interesse somente dos negros, mas sim a todos os brasileiros. A escola também é formadora de cidadãos, estes devem estar preparados para conviver harmoniosamente em uma sociedade multifacetada e diversa em todos os sentidos, por isso não é de interesse da lei fazer uma mudança de foco de uma visão eurocêntrica para uma visão exclusivamente africana, mas sim promover um alargamento no alcance dos currículos no que diz respeito à diversidade cultural, política e econômica brasileira.

Sobre esse prisma, o ensino de história e de cultura afro-brasileira deve evitar distorções e fazer, sim, uma conexão entre passado, presente e futuro, sobre a leitura de diversas realidades do negro. Nesse sentido, a abordagem da história vista de baixo, como fala Jim Sharpe (2011), também se faz importante nesse processo na medida em que amplia os olhares sobre a história e suas fontes, tirando o foco plenamente das elites e inserindo histórias de homens e mulheres comuns que também fizeram parte dessa construção, ou seja, a história vista de baixo serve como uma espécie de corretivo da história elitista quando traz à tona uma versão mais rica do elemento histórico e consegue proporcionar a fusão entre elementos do cotidiano das pessoas comuns com temáticas mais tradicionais. Dessa forma o objetivo, seria promover a integração, construção de identidades e o

reconhecimento das vertentes africanas na construção da cultura brasileira, além da “valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias e asiáticas” (BRASIL, 2004, p. 20)

O ensino desses conteúdos deve estar inserido em todo contexto escolar, mas principalmente nas matérias de artes, literatura e história do Brasil. Na parte histórica afro-brasileira em destaque, deve-se dar ênfase:

Entre outros conteúdos, iniciativas e organizações negras, incluindo a história dos quilombos, a começar por de Palmares e remanescentes de quilombos, que tem contribuído para o desenvolvimento de comunidades, bairros, localidades, municípios, regiões, (ex: associações negras recreativas, culturais, artísticas, de assistência, de pesquisa, de irmandades religiosas, grupos do movimento negro). Será dado destaque a acontecimentos de destaque e realizações próprios de cada região e localidade. (BRASIL, 2004, p. 21).

Ainda referente aos DCN-s (BRASIL, 2004) no que diz respeito aos conteúdos da parte histórica, mais especificamente a história da África, terá destaque não só os conteúdos que denunciam a miséria e a discriminação presentes no continente, mas, também, em determinadas regiões, fazer uma conexão com a história dos afrodescendentes brasileiros, destacando a importância dos griots como guardiões da memória histórica, a religiosidade africana, sociedades que contribuíram para o desenvolvimento da humanidade (Egito, Núbia), civilizações e organizações políticas pré-coloniais, o tráfico e a escravidão do ponto de vista do escravizado e conseqüentemente seu papel nesse processo, a luta pela independência dos países africanos entre outras temáticas relevantes.

Porém, não basta apenas criar uma lei que exija o ensino de história e cultura afrobrasileira e depois inseri-la no currículo das escolas se, em consonância com isso, não haja um esforço para a qualificação dos professores, para o desenvolvimento de pesquisas e para o aperfeiçoamento do material didático usado nas escolas por professores e alunos. (OLIVA, 2003)

No tocante ao livro didático, é inegável o reconhecimento da sua importância no processo de ensino-aprendizagem no cotidiano das salas de aula. Logo, estes materiais, quando mal elaborados, além de explicitar um reflexo da falta de conhecimento sobre os assuntos relacionados à cultura e à história afrobrasileira, ajudam na construção de uma visão superficial e distorcida dos temas, contribuindo, desta forma, para a manutenção de estereótipos que influem negativamente na luta por equidade, respeito à diversidade e contra os preconceitos.

Como “Nação crioula” pode suprir as carências dos livros didáticos

Apesar das conquistas e avanços promovidos a partir da implementação da lei 10.639/03, existe, ainda, um caminho considerável a ser percorrido

para que possamos ter um ensino de cultura e história afro-brasileira devidamente inserido nos livros didáticos, currículos escolares e dentro das salas de aula, com conteúdo e abordagens sendo feitos de forma correta e permitindo a maior transversalidade possível para que se possa ter a maior abrangência e profundidade dos temas.

A lei 10.639/03 foi de suma importância para colocar no centro do debate a necessidade de se abordar temas relacionados à história e à cultura afro-brasileira dentro do ensino. Porém, acreditar que a letra fria da lei por si só seria suficiente para a implementação desses temas parece uma visão bastante equivocada para não dizer ingênua. Nesse processo, as barreiras a serem superadas ainda são muitas. Existe deficiência no processo de formação dos professores, no conteúdo do material didático, no entendimento da lei como direito à educação e não como algo exclusivo em benefício dos negros e em outros tantos setores. Estes exemplos servem para mostrar que a lei pela lei não vai produzir efetivamente mudança substancial nenhuma, portanto é preciso estar atento e disposto a agir, propondo medidas que ajudem na superação desses problemas e facilite a implementação desses temas no ensino (GOMES, 2010).

Mais enfaticamente sobre as deficiências do livro didático, em específico os do oitavo ano, é comum ainda ver com frequência o negro ser tratado dentro somente da parte do livro que retrata a história do Brasil, não existindo nenhum capítulo específico referente à história da África, o que evidencia a superficialidade e o caráter eurocêntrico das abordagens. Pouco se vê, também, sobre o cotidiano, os costumes, a cultura, os personagens bem-sucedidos. A imagem do negro é quase que exclusivamente associada à escravidão, à doença, à submissão, ao trabalho nas minas de ouro, entre outros estereótipos (OLIVEIRA; SANTANA; SILVA, 2009). O material que chega aos professores, também, encontra problemas, seja pela distribuição desigual, seja pela fala de adequação da linguagem, como disse Nilma Lino Gomes:

O material que tem chegado às escolas traz a discussão, mas existem reclamações de que muitas vezes são pensados muito mais para a graduação, para pessoas que têm algum vínculo acadêmico, do que para aquele que está na prática, na sala de aula. É delicado fazer essa afirmação porque muitas pessoas dizem que estamos subestimando os professores da educação básica, dizendo que eles não têm capacidade de compreender. Não se trata disso. Estamos falando de espaços de atuação diferenciados. A educação escolar tem uma imersão na prática muito concreta, e tem também que tornar compreensível o conhecimento para sujeitos em idades, gerações, tempos da vida, muito diferenciados. Essa transposição didática é um grande desafio. O material, quando chega, é um suporte, não necessariamente compreensível para todos os educadores que lá estão. (GOMES, 2010, p. 9)

Diante das deficiências presentes nos livros didáticos e das aspirações do

que deve ser implementado nos livros didáticos é que o romance, “Nação crioula” aparece como uma excelente ferramenta para os profissionais da área de educação trabalhar os temas relacionados à história afro-brasileira e africana, trazendo assim a oportunidade de suprir a carência desse material como também trazer à tona novos olhares para o tema. Nesse sentido, faremos um apanhado do conteúdo histórico trabalhado no romance e como este pode ser acoplado e acrescentado ao material didático para que se possa ter um ensino de história afro-brasileira e africana de acordo com o que pede a lei 10639/03.

“Nação crioula” é uma boa forma de trabalhar temas referentes ao negro em sala de aula, primeiro pelo texto que, mesmo tendo um cunho fictício, possui também um aspecto histórico que dá vivacidade ao texto e prende a atenção do leitor tanto pelo romance de Fradique Mendes e Ana Olímpia, tanto pela historicidade presente no livro. O que de forma cogente abre a possibilidade de se trabalhar os temas afro-brasileiros e africanos em sala de aula, fugindo do que convencionalmente se vê nos livros didáticos na medida em que Agualusa, em meio à história ficcional, descreve o cotidiano dos negros em Angola, sua cultura, seus costumes, as relações sociais e consequentemente sua ligação com o Brasil, descrevendo também sua vivência em solo brasileiro (OLIVEIRA, 2015). Sendo assim, o romance abre portas para que, através da discussão de seu material histórico, se tenha uma visão da história do negro mais completa.

José Eduardo Agualusa sempre teve entre seus objetivos promover discussões sobre misturas culturais ocorridas entre Brasil, Angola e Portugal e “Nação crioula” não poderia fugir a regra tendo como cenários da trama os três países principalmente os dois primeiros. Na primeira parte do romance, mais especificamente as cinquenta primeiras páginas, a história se desenrola em Angola a partir da chegada de Fradiques Mendes. Partindo para a parte histórica, vemos que logo, nas primeiras páginas, nota-se que Agualusa mostra como era comum na África, no caso específico em Luanda, negros adquirirem fortuna através do próprio tráfico escravista, como é o caso do personagem Arcénio do Carpo, como afirma a fala de Fradique Mendes,

Já compreendeu, querida madrinha, como fez fortuna o senhor Arcénio do Carpo? Precisamente: comprando e vendendo a triste humanidade, ou como ele prefere dizer, contribuindo para o futuro do Brasil”. (apud AGUALUSA, 2008, p. 13)

A partir do exposto, vimos que é desmistificada nesse contexto a ideia recorrente de que o negro foi completamente submisso ao processo escravocrata, mas, pelo contrário, foi agente ativo tanto resistindo como também sabendo usá-lo a seu favor para adquirir riqueza como acima mostrado.

Mais adiante, vimos citação da culinária angolana como é o caso do

funge, espécie de pirão feito com farinha de milho ou de mandioca, e o feijão. Veja que são elementos culinários que futuramente serão inseridos na culinária brasileira. Verifica-se aqui uma possibilidade de se trabalhar questões de influência e trocas culturais, assuntos raramente expostos nos materiais didáticos. Outra questão interessante e mostrada no romance diz respeito às relações e tensões sociais existentes no país era comum que aqueles angolanos que moravam na capital Luanda não terem o costume do trabalho, a não ser aqueles que fossem escravos, era comum também existir rixa entre os angolanos da capital, a essa altura influenciados pela cultura portuguesa, com os angolanos do interior, considerados rudes, presos às tradições. Esses aspectos mostram a heterogeneidade social existente em Angola. A falta de um capítulo específico de África pode ser suprida, pelo trabalho dessas questões mostradas no romance e abrir espaço para trabalhá-la em outros países também.

São notáveis, no decorrer do texto, algumas citações ou alusões a certos personagens que fizeram parte da história de Angola como aparece na seguinte fala de Fradique Mendes sobre Ana Olímpia:

O ano passado regressou de uma demorada viagem ao Brasil com uma corte de mucamas brancas e pouco depois preparou um grande baile em sua casa, recebendo os convidados sentada, segundo o exemplo da famosa Rainha Ginga, ou Nzinga Mandi, nas costas de uma destas escravas. No Brasil ter-se-iam rido dela, mas em Luanda, onde os europeus vivem no constante terror de que os negros se revoltem, o atrevimento foi visto como um mau presságio. (apud AGUALUSA, 2008, p. 55).

No caso em questão, Fradique compara Ana Olímpia à Nzinga. À primeira vista, a comparação pode até passar despercebida, mas o fato é que Nzinga realmente existiu, foi rainha de Ndongo, atual Angola, e representa o maior ícone de resistência à escravização e à colonização europeia, sendo ótima estrategista militar e diplomata astuciosa, há quem diga que Angola só foi dominada pelos portugueses após sua morte (PANTOJA, 2000). Fradique, com sua comparação, quis então exaltar o poder que Ana Olímpia, tinha e o temor que ela causava perante os europeus. Temos então aí representado a história das mulheres negras, estas como agentes nos processos de resistência e principalmente como representantes de poder, seja ela na forma fictícia, como é o caso de Ana Olímpia, mas também na forma real, como bem se observou no caso de Nzinga. Tal abordagem pode ser mediada pelos professores, abrindo espaço para discussões sobre o papel da mulher perante a sociedade em especial o da mulher negra, mostrando-a como uma pessoa que luta, que é inteligente, que tem astúcia e não se resumir a falar somente dos seus dotes estéticos.

Já no Brasil como cenário a primeira coisa que nos chama atenção é a descrição de uma dança típica dos escravos chamada umbigada, típica

de países afros como Angola e que tinha como regra efetiva, a umbigada literalmente falando. Foi trazida para o Brasil junto com os escravos que vieram trabalhar nos engenhos, e persiste até os dias atuais. Abrem-se espaço para discussões culturais, para identificar heranças trazidas da África, importantes para o processo de formação da cultura do Brasil.

Por fim e não menos importante, destacamos uma parte em que é retratada a diversidade das nações africanas que chegaram ao Brasil para servir de mão de obra escrava e como isso gerou conflitos entre negros e brancos e também entre os próprios negros, já que algumas nações eram rivais na África. Esse contexto é interessante no sentido de evidenciar a África como um continente diverso, com povos e culturas diferentes. Nesta perspectiva, observa-se aqueles negros que eram trabalhadores como os angolanos, tinham aqueles mais melancólicos como eram os casos dos moçambicanos e também do Gabão, estes tinham grandes dificuldades de se adaptar à nova realidade. Eram comuns os casos de suicídio entre eles, os hausas que eram rebeldes e revoltosos, entre outros.

Considerações finais

Ainda são grandes as dificuldades para que o ensino de história e de cultura afrobrasileira e africana seja oferecido e executado de forma adequada. Falta que essas temáticas estejam presentes nas academias onde, a partir do labor científico, se possa capacitar os profissionais corretamente e encontrar maneiras de solucionar dificuldades referentes ao ensino dessas matérias. É preciso, portanto, produzir um material didático adequado e que trate o tema de forma coerente, buscando abordar os pontos que a lei 10.639/03 pede.

É buscando solucionar esses problemas que esperamos que nossa análise do conteúdo histórico do romance “Nação crioula”, de José Eduardo Agualusa, possa, se não solucionar por completo as deficiências do material didático, mas, pelo menos, oferecer uma ferramenta, uma possibilidade de implementar o que está faltando nos livros escolares e acrescentar novas discussões em sala de aula, expandindo o olhar sobre temas referentes ao negro como, seu cotidiano, sua resistência, sua influência no modo de falar, na culinária, nas artes, na religião, na construção do povo brasileiro. É preciso que se superem os velhos estigmas, as visões corriqueiras que se têm quando o assunto é o negro na história, é preciso enxergar além da escravidão, além dos castigos físicos, além do trabalho forçado nas minas e nos engenhos de açúcar. É por isso que acreditamos que “Nação crioula” nos dá possibilidade de alargar as visões sobre o tema na medida em que vai além desses clichês acima abordados.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. **Nação crioula**: as correspondências secretas de Fradique Mendes. 6 ed. Porto: Publicações Dom Quixote, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro e educação: alguns subsídios históricos. In:

MARCON, Frank; SOGBOSSI, Hippolyte Brice(Orgs.). **Estudos africanos, história e cultura afro-brasileira: olhares sobre a lei 10.639/03**. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília-DF. Outubro, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Implantação da lei 10.639/03 esbarra na gestão do sistema e das escolas. **Revista Nação escola**, Florianópolis, SC, n. 2, p. 6-10, abr. 2010.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global, 2006.

OLIVA, Anderson. A história da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA, Adriana Souza de. **Angola, Brasil e Portugal: espaços em trânsito em Nação Crioula**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Lucas de; SANTANA, Raíssa Tainá Carvalho de; SILVA, Willams Santos da. 2009. **Os africanos e seus descendentes nos livros de história da Coleção Projeto Araribá**. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Universidade Tiradentes, Aracaju.

PANTOJA, Selma. **Nizinga Mabandi: mulher, guerra e escravidão**. Brasília: Thesaurus, 2000.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Editora GLOBAL, 2015.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.